



PAI AMÉRICO

Julho é o seu mês

JULHO é o seu mês — dois «nascimentos» o fazem ser: para o Sacerdócio, em 1929; para o Céu em 1956.

Se a vida nos consentisse parar — e todos ao mesmo tempo! — seria por excelência o tempo do nosso Retiro estes dias que vão de 16 a 28. A partir do último passo na Terra, iríamos recapitulando muitos outros cheios de significado para ele e para nós, já que também a nossa vocação (e a dos que hão-de vir) está implícita na dele.

Celebramos hoje o Baptismo de uma neta (a sua chamada a um Povo Santo feito dos pecadores que somos) hoje que a Palavra de Deus insinuava a relação de causalidade entre a missão que viver importa e os chamamentos que Deus repete ao longo dela. Os Profetas, os Apóstolos foram o que foram (e sempre são o que são) simplesmente porque foram chamados e acreditaram no amor de Deus. Amós não era profeta nem filho de profeta. Mas o Senhor foi buscá-lo do meio do rebanho que pastoreava — e agora é profeta e não calará a sua voz, apesar das forças que se levantam para o silenciar. Não perdeu a consciência da sua

pequenez original, mas adquiriu a consciência da Força que o move na Missão a que é enviado. Por isso não teme nem se demite!

Esta é a Escola de Pai Américo

Hoje foi Amós quem deu o seu testemunho. Ontem foi Isaias. Podia ser Jeremias ou qualquer dos Profetas. Com os Apóstolos, da mesma sorte. O Senhor foi procurá-los às praias da Palestina e eles deixaram barcas e redes e foram com Ele. Hoje o Evangelista Marcos diz-nos de como Jesus os enviou dois a dois a pregar e a curar. *Vem e vai* são os dois tempos da vocação divina. E o ir em Seu nome será em mar de tormentos que o mundo levanta. A fragilidade natural dos que vão, fá-los tremer; a certeza de que vão acompanhados por Aquele que os chamou, fá-los vencer o medo e dá-lhes a audácia de afrontar adversidades e adversários. «*A quem importa antes obedecer: a Deus ou aos homens?*» Esta palavra será repetida por legiões de mártires, que não sucumbem perante as ameaças nem se deixam seduzir pelas

propostas de perdão e de honrarias.

Donde lhes vem a coragem que se sobrepõe sem suprimir a pequenez original? Da *substância* do chamamento, que dispensa tudo menos o cajado para vencer as asperezas do caminho: pão, alforge, dinheiro, uma segunda túnica...; e dispõe à aceitação simples do acolhimento que Ele suscita em homens de boa vontade, os que entendem e estimam a visita dos Discípulos como se fora do próprio Mestre.

Esta é a Escola de Pai Américo. A gente revê-se e fica confortado com a experiência de como o Evangelho é verdade. Não é letra, não é teoria, não são princípios abstractos; é a vida tal qual, sempre possível de pôr em prática, fonte de fecundidade e de paz.

Viver assim foi o voto que fizemos e oferecemos no Altar a respeito da Ana Rita que hoje se tornou filha de Deus e membro do Seu Povo. E mais! Que nesta Obra *de, para, por...*, sejam rapazes nas Casas do Gaiato ou doentes no Calvário, todos nos firmemos neste fundamento de um Deus-conosco que nos chamou e se não cansa de chamar-nos sem olhar às nossas qualificações humanas e se compromete na missão a que nos envia e é dela Garante como outro não há.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Uma aflição

Fomos chamados a uma aflição que só agora rebentou naquela terra: Dois órfãos ficaram sem a mãe encontrada num poço a que se havia atirado já há dias. A escravatura da vida levou aquela mulher, mãe solteira que concebeu e deu à luz oito filhos, ao suicídio. Ficaram os dois filhos mais novos entregues, por esmola, à família vizinha que já os amparava.

Diante deste quadro espectacular apareceu a Igreja, o Tribunal

e outras Corporações.

Agora vamos também nós. Fui ver a casa onde viveu aquela mulher e ainda vivem alguns familiares. São umas ruínas de casebre. A porta estava entre-aberta. Não há divisões. A entrada, uma cama com roupas muito sujas. Dentro, um amontoado de coisas. Não fui capaz de entrar. Fiquei arrepiado.

Vamos todos fazer um exame de consciência. Quais foram os homens que geraram aqueles filhos? Porque não se proporcionou àquela mãe

condições para criar os filhos que aceitou? Porque nunca conseguiu ter uma casa decente?

A nossa resposta mais pronta é a que deram os nossos primeiros pais. Adão respondeu que foi Eva a culpada. Eva respondeu que foi a serpente. A culpa é sempre dos outros. Mas o castigo ficou para todos. E Deus não é injusto.

O correio trouxe mais uma carta a dizer:

«*Recebi o seu cheque destinado a obras de reparação em casas de*

Continua na página 4

MALANJE dia-a-dia

11/6/94

Há quase um mês que os aviões não vêm... Ao mínimo ruído (que parece), os olhos no ar — procurando. Todos sabemos que só nos aviões virá o pão.

Tem havido várias tentativas, mas logo os canhões começam a disparar. Até quando?

O Povo começa a ter fome. Os preços sobem todos os dias. Povo não percebe de política...

Sabe, sim, que a distribuição parou — como fonte nos fins do estio. Ele marinha sem jeito — como salalé quando lâmina de tractor cortou o seu morro.

Sabe que não tem jeito, não... Jeito humano e fraterno.

«*Meu velho (pai) tá embora doente, milho torrado dá sequidão*» — ouvi ontem, na rua. Mas se esta escalada continua, nem o milho!

Quando as bombas partem ou explodem, ele diz angustiado: «*Salú...*» «*Entrou...*» Isto também ele sabe.

É junto ou dentro do hospital que podemos ler com maior nitidez os efeitos monstruosos da guerra.

14/6/94

Seria que o diabo tomava a pele daquele velhinho para me esfrangalhar a paciência?! Tanto mais, alguém insinuou que ele vendia as coisas no mercado da feira.

Há dias, perante os meus berros (ridículos) e a sua inalterável resignação, caí em mim...

Continua na página 3



Percurso do Cristóvão:
Entra e sai do hospital.
Já integrado em nossa
Família de Malanje.

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — «Estou aflita com a doença do meu homem...! Preciso da vossa ajuda p'ra comprar estes remédios, pois a reforma é pequenina e a minha filha vai casar...»

Somos abordados, tantas vezes, por mor dos doentes pobres! Lembra-nos sempre a magnanimidade de Pai Américo para com todos eles, sendo o Calvário expoente máximo dessa inquietude. Que dizer, ainda, das suas peregrinações pelo Barredo!? Conhecia tudo, todos — pelo nome próprio — no meio daquela promiscuidade. Até o número de degraus de cada alojamento, quais ruínas em noites sem luz... — Muito cuidado! Vamos ter que parar... Frente aos mais trópegos, vítimas da fome e da imundície, optava mais por escutar — aqui e ali riquíssimas orações espontâneas! — do que falar. Sintomática atitude profética dum Homem de Deus — discípulo do Mestre — porque via neles, nos Pobres, a figura do Crucificado. «A oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantar» (Tiago 5: 14-15). Mais ainda: Naquele tempo, em longas horas acamado no Hospital de António, a caminho do Fim, nunca ouvimos um ai! da boca de Pai Américo!

Curiosamente, valeria a pena referir agora o que registámos numa grande Catedral da Dor... Especialmente a doação dum par de jovens presbíteros e uma equipa de leigos que dão apoio aos doentes. Serviço transcendente para acordar ou revigorar a fé dos enfermos.

Lançados neste caminho, partilhemos duas presenças amigas: Assinante 35019, de Lisboa, «Junto um cheque para medicamentos dos mais necessitados. Ocorreu-me esta oferta porque minha tia esteve gravemente doente. (...) Não é uma promessa. É uma intenção que desejo cumprir, agradecendo a Deus». Assinante 32517, também da Capital — «Após muitos meses de doença e a Graça de Deus por cima de tudo isto... aqui venho agradecer-Lhe, com uma ajuda para qualquer pessoa doente. (...) Junto outra para alguma velhinha, por intenção de minha mãe que tem 90 anos».

PARTILHA — Setúbal: «Junto, com todo o carinho, 3000\$00, migalha de Junho para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Peça a bênção do Senhor para todos vós. Aceitai os cumprimentos da avó dos cinco netinhos». Sendo Avó, duas vezes Mãe, este duplo sentido de Maternidade, extensivo aos mais pobres, é um rico testemunho, luzinha acesa numa família cristã no decorrente Ano Internacional da Família...

«Manel de Braga» alerta sempre aos problemas da Viuvez: «Esta oferta de 4000\$00 são para viúvas e viúvos. Os homens precisam algo mais do que as mulheres porque não sabemos fazer muitas coisas aos filhos — como a própria mãe... O óbolo é para lembrar que a nossa Rainha Santa Isabel, Rainha de Portugal, também foi viúva. Que nos ajude e seja nossa intercessora junto de Deus, como foi entre D. Dinis e os filhos, a pedir Paz para as famílias e para o mundo que tanto precisa».

Cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados e, em

Pelas CASAS DO GAIATO

geral, os mais envergonhados. Entregarão como melhor entenderem, por diversas intenções minhas, que Deus sabe e Nossa Senhora também».

A assinante 24851, de Lisboa, segue a pista anterior. Recorta um texto desta coluna e agrafa-o em pequena folha de papel que envolve o donativo: 2000\$00. Não tendo tempo de perder tempo, Pai Américo adoptava um critério muito prático que talvez deixasse um ou outro perplexo: respondia a alguns correspondentes na própria carta que lhe dirigiam. Curiosamente, também às esferas da governação!

Assinante 31104, de Lisboa: «Envio o presente cheque para ser distribuído pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Rogo a Deus que permita que eu nunca me afaste do sentimento da Caridade, aquela que mais prezo. E aceite as minhas intenções protegendo os meus entes queridos, por alma dos quais procedo sempre assim». Tão persistente!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Após algum tempo em Azurara, os troilhas vão continuar a reparar a parede da adega, já muito suja e velha. No rinque levantam uns esteios para a vinha. Curiosamente, dois lugares onde a malta joga o futebol «à gaiato».

ANO LECTIVO — Mais um ano ultrapassado. Alguns estudantes acabaram mais cedo que os outros. Os que passaram, certamente estão contentes com a situação. Os que chumbaram, não desanimem. Pró ano haverá mais.

FRUTA — As nossas ameixas estão prontas para comer. Algumas já foram recolhidas, outras não. O nosso pomar tem muita fruta; de longe já se notam maçãs e pêras pequeninas. Como sempre há problemas por causa da fruta. Começam quando cresce e acabam quando desaparece.

AGRICULTURA — Temos comido muita salada nas refeições: alface e tomate.

Começou a recolha da batata. Como todos os anos, demora muito tempo: uma, duas semanas. Na recolha da batata adoptamos quase o mesmo sistema da vindima: são rapazes escolhidos que ajudam.

OFERTAS — Chega uma grande quantidade de iogurtes Gresso. E algumas padarias oferecem pão e bolos. Obrigado.

PISCINA — Funciona normalmente. Durante a semana, o banho começa às 18 horas, após o trabalho, até às

18,45 horas, por causa do Terço.

A malta aproveita mais o banho quando os turnos estão na praia. Menos gente e mais à vontade. A água continua limpa. Quim-Zé e seu pequeno grupo — «Pintinhas», «Dinamite» e Zeca — tratam dela.

AVES E ANIMAIS — As aves do pomar estão bem. Esperamos que os faisões tenham crias. Só temos um casal... Nos galinheiros também parece estar tudo bem. Temos comido ovos das nossas galinhas. Na pocilha nasceram alguns leitões e morreram dois. Pelos vistos, será abatido um porco para a grande festa de 16 de Julho.

VISITAS — Recebemos grupos de jovens, de Cabeceiras de Basto, da Paróquia de Refojos e de Alvite. Gostámos muito de passar o sábado com eles. Também um grupo de escuteiros da região de Aveiro.

PRAIA — O primeiro turno seguiu para Azurara, chefiado pelo «Pomba» e Mauro. Foram os mais pequenos, «Batatinhas» da casa-mãe, casa dois de baixo e quatro de baixo. Esperamos que tenham férias ao gosto de cada um. No entanto, o segundo turno prepara-se. A casa, de Azurara, está muito bonita, pelo que dizem.

«Vitinho»

ANIMAIS — Criaturas da Mãe Natureza. Deus os criou na terra.

Muitas pessoas têm sempre um ou mais animais em casa: gato, cães, papagaios, etc.

Os nossos miúdos olham para os animais que por cá aparecem com muito carinho e uma enorme ternura.

Ontem à tarde, sentado em frente à casa três de baixo, vi uma família de gatos: mãe e dois filhos. Dormiam.

Entretanto, aparece o «Taíinha» e o «Tronchuda» e pegam nos gatinhos. Ralhei, por terem acordado os bichos.

Responderam: — Nós gostamos muito de brincar com esses gatinhos e não estávamos a fazer mal!

Deixei-os a brincar com eles, no colo de cada um.

Por fim, tocou para o Terço (oração da tarde). Deixaram os bichos e fomos...

Os animais são importantes na vida do homem. Temos que saber respeitá-los. Não desprezá-los.

AZURARA — Em 10 de Julho, dei um salto à praia de Azurara, para ver os acabamentos exteriores e interiores da casa.

O dia estava com muito nevoeiro. O sol espreitava entre as nuvens e a neblina matinal...!

Ao longe, os miúdos viram-me e gritaram: «Olhem quem vem lá ao fundo!»

Chego à casa. Estavam no pequeno-almoço. Cumprimento todos e dão as boas vindas.

Depois comecei com as

minhas observações sobre a casa antiga, onde passaram muitos rapazes que levaram dela boas e más recordações.

Na cozinha: fogão novo, armários novos, etc. No refeitório: mesas novas, bancos novos e também uma boa pintura nas paredes. Nas camaratas: camas novas e algumas pintadas novamente. Portas e janelas também mudadas. Está tudo mudado. Agora sim! Já podemos passar umas férias dignas... Mais ainda: no salão, o Neca fez uma lareira e foi tudo pintado. Está bonito.

Os serralheiros montaram uns baloiços para os miúdos se divertirem. Só visto!

FUTEBOL — A nossa época 93/94 terminou com um saldo positivo. Se não vejamos: Fizemos trinta e quatro jogos, com vinte e seis vitórias, seis empates, duas derrotas, duzentos e sessenta e quatro golos marcados e oitenta e cinco golos sofridos. Os nossos atletas e treinador demonstraram um grande esforço e sacrifício.

Agora estamos de férias. Só lá para fins de Setembro é que entraremos em actividade oficial.

Queremos agradecer às pessoas que nos ajudaram no material desportivo. Obrigado.

No dia 9 de Junho, recebemos um grupo de jovens de Valbom (Gondomar). Visitaram-nos com a intenção de defrontar a nossa equipa de iniciados. Os miúdos entenderam bem as ordens do técnico. O jogo teve pouca história. Ganhámos por 2-1. O resultado não está incluído na contagem de cima... Importante foi a grande amizade que estabelecemos e a confraternização. Para compensar o desgaste físico, deram uns mergulhos na piscina. Muito bom...!

Repórter X

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Damos mais notícias do casal Maria do Céu, já voçso conhecido.

Visitámos esta família, levando connosco alguns géneros e uma máquina de costura que foi oferecida por alguém, com todo o amor e carinho. Fomos recebidos pelo Zé, que andava nas suas tarefas caseiras, colaborando com a Céu; e pelos miúdos que ficaram radiantes ao ver-nos.

A Céu não se encontrava em casa, pois, finalmente, conseguiu o emprego que há muito ambicionava. Assim, de tarde, durante a semana, é empregada doméstica na casa de uma senhora; e ao fim-de-semana trabalha num Lar de 3.ª idade, conseguindo, desta forma, criar os três filhos, juntamente com o marido que

se encontra reformado por invalidez.

No dia seguinte a Céu telefonou, agradecendo radiante, a máquina de costura que lhe dá muito jeito, uma vez que lhe permitirá ganhar mais algum dinheiro «arranjando» roupa de pessoas de fora. Disse também que as aulas dos dois filhos estão prestes a findar e a Margarida continua a revelar-se uma excelente aluna, sabendo já que passa de ano. O Luís, com problemas de saúde, foi obrigado a faltar à escola, não sabendo ainda se transita para o ano seguinte.

É gratificante proporcionarmos esta transformação benéfica, nesta família que se encontra agora numa situação económico-familiar mais satisfatória.

Vamos todos contribuir para que tantas outras possam disfrutar, também, de melhor situação.

Bem hajam!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — De uma Amiga de Salgados, cheque de 7.000\$00; assinante 6313, 10.000\$00; cheque de 1.200\$00, de João Silva; 2.000\$00, de JRD; uma ajudazinha para a renda da casa da senhora idosa. Cinco mil, de M. M.; Aurora dos Reis, 10.000\$00; cheque de 17.000\$00, de uma amiga; assinante 26731, 10.000\$00.

Deus vos ajude, para podermos ajudar os irmãos mais necessitados.

Muito obrigado.

Casal vicentino

MIRANDA DO CORVO

ANIMAIS — Nasceram dez patinhos. Cinco deles infelizmente morreram. Também a outra pata já tem ovos. Agora só resta esperar que eles nasçam. De resto, todos os animais estão bem. Os pintos já cresceram bastante.

OBRAS — Os pedreiros acabaram de arranjar a calçada do largo do gado. Também a calçada detrás da estremeira. Alguns dos nossos rapazes picaram a cozinha. A seguir, a copa.

PRAIA — Muitos rapazes já foram para a praia, os mais novos e alguns mais velhos para tomarem conta deles e ajudarem na cozinha. Espero que passem boas férias porque em breve irá outro grupo para Mira.

BAPTIZADOS — Muitos fizeram a primeira Comunhão. Quatro receberam o sacramento do Baptismo e também a primeira Comunhão. Foi um dia muito especial para todos nós, especialmente para eles.

AULAS — Terminaram. Alguns estudantes já sabem os resultados. Uns ficaram alegres, outros tristes. Talvez

para o ano consigam fazer melhor.

Frederico

TOJAL

FÉRIAS — O primeiro grupo com cerca de 50 rapazes foi gozar os vinte e cinco dias prometidos pelo nosso Padre Cristóvão. O segundo irá ao longo desta semana. Para que nada faltasse na casa da praia o nosso Padre Cristóvão pediu ao motorista e a alguns rapazes que levassem uma mesa de bilhar, outra de pingue-pongue e vários computadores para entreterem a malta. O horário será o seguinte: De manhã vamos à praia. À tarde, uma volta, ou um mergulho na piscina e ainda jogar computador, bilhar ou pingue-pongue. À noite, os mais velhos poderão dar uma volta pela cidade.

ESCOLAS — Já não se ouve falar mais delas. Nem delas nem das matrículas para o próximo ano lectivo. Não será preciso mais nada até ao fim das férias.

PISCINA — Temos passado uns óptimos tempos livres na piscina. E na casa da praia também, pois da parte da tarde não poderemos ir ao mar. Sempre que vêm visitas ao fim-de-semana damos as boas vindas com uns bons mergulhos na água.

BATATA E FAVA — Os grupos foram organizados. Só falta a nossa boa disposição e força de vontade pois é um trabalho muito árduo e cansativo.

FENO — É também um serviço árduo, como a batata. Por isso, será preciso força de vontade e boa disposição para que o trabalho não se torne uma grande chatices.

DESPESAS — Com a casa da praia arranjada, não há que ter problemas. Mas, no meio de tudo, surge um. É que ela fica a sete quilómetros de distância do mar e será preciso pagar o bilhete da camioneta. Por isso, só vamos lá da parte da manhã.

FUTEBOL — Será praticado também na areia, mas temos que ter cuidado não vá algum gaiato acertar numa pessoa e depois poderão surgir problemas: que os gaiatos são irrequietos e outras coisas mais. Deus queira isso não aconteça e tudo corra bem.

Joaquim M. F. Pinto

Poeta tolo

Dizem que eu sou tolo
Por dedicar a minha vida
A escrever poesia.
Talvez tenham razão.
Mas não sei fazer outra coisa
Pois ela é a minha salvação!

A poesia que eu escrevo
Obriga-me a estar atento
E nunca adormecido...
Porque parar é suicídio.
Absorve e revela
Sentimentos e pensamentos
E só depois é que medito.

Eu preciso escrever poesia!
A poesia que respiro
Sinto e vivo
Faz jorrar água nos desertos,
Pessoas alegrarem-se com a
nostalgia,
Animais correrem sem medos,
Flores desabrocharem com
beleza,
Montanhas parirem luzes e
estrelas
E este planeta ser eterno!

Manuel Amândio

MALANJE DIA-A-DIA

Continuação da página 1

Então fui com ele: Cubata pobre, oito filhos e netos, roupa em trapos e nem sinais de comida. «Meu Senhor e meu Deus!» — como S. Tomé

Mais: É meio deficiente e com a ajuda duma muleta arrasta uma perna como pode.

16/6/94

Às seis da manhã, um grupo (não sabemos se da Unita ou de marginais vestidos de soldados) atacou a nossa Aldeia.

Mataram o Filipe.

O Filipe era um louco que em 1992, quando viemos, encontrámos na Aldeia quase nu e comendo raízes. A tropa quando foi, deixou-o abandonado. Tratámos dele e tornou-se sociável connosco.

Quando, neste dia, senti barulho, abriu a janela e pediu milho aos atacantes... Estes deram balas.

Fizemos-lhe um caixão com as tábuas de gravileia da nossa mata e rezámos ao Senhor quando o sepultámos.

O grupo de gaiatos com o responsável e dois trabalhadores que ainda habitavam a Aldeia, refugiaram-se nos sótãos. Os «soldados» arrombaram uma janela e roubaram cobertores, colchões e roupas.

Os mais pequenos ficaram com tanto medo que tivemos que os trazer para a cidade.

Ficou um grupo de voluntários... Se assim não fosse, em poucos dias ficávamos, de novo, sem portas nem janelas — uma vinha pisada.

Vamos resistir. O Senhor vai ajudar-nos.

18/6/94

Um avião largou vinte paraquedas num bairro da cidade — com caixas de alimentos.

As pessoas — homens, mulheres e crianças — correram meio enlouquecidas na ânsia de conseguirem algo...

Claro, os senhores das armas, polícias e soldados, apanharam quase tudo.

Um paraquedas não abriu. Ficou tudo desfeito no chão: arroz, feijão, sal, óleo e terra... Os populares apanharam tudo com sofreguidão, em sacas, panos e latas... Que cozinhado sairá daquela mistura? Não se imagina. Sinal de carência aflitiva!

Os grandes da guerra não vêem nem sentem.

Muito longe da sua própria carne!!!

23/6/94

— Boa tarde, mamã — disse eu.

— Boa tarde, pai — disse ela.

Ela é uma velhinha bem vergada com o seu feixe de lenha. Andou seis quilómetros, cortou-a com custo e fez outros seis até ao meu boa tarde.

Metade da lenha é para ela cozinhar para os netos. A outra metade vende para comprar milho para os mesmos.

Suas filhas tiveram os filhos e foram. Dentro dela renasceu o carinho de mãe... São filhos.

É assim nesta Angola onde os homens se dão ao luxo de várias mulheres e, tantas vezes, não assumem sequer um filho.

A paternidade indiscriminada e sem lei exige medidas urgentes e justas.

Os gritos de tantas crianças inocentes assustam e clamam por justiça.

26/6/94

No momento em que o Povo mais sofre e precisa de ajuda, é quando todos vão...

Entendemos por certo que as Organizações e os Estados têm o dever de correr alguns riscos.

Fazer distribuição quando tudo está sob controlo e não há qualquer perigo, é bonito e consola.

A cidade está cercada.

Há mais de um mês que os aviões não aterram. O Povo não tem sal.

Vieram dois aviões lançar uns paraquedas com alguns alimentos — que foram vistos no ar... Ilusão psicológica!, sem mais efeito.

27/6/94

Já não cabemos nas instalações que nos foram cedidas no Seminário. Vamos ter que montar uma tenda grande, dada pela UNICEF.

Casa do Gaiato é família.

As casas de pedra são um meio — um abrigo de que a família precisa e mais adequado à sua realização.

Também se compreende uma Casa do Gaiato em tendas, no deserto e entre os nómadas — se ali houver crianças em abandono.

28/6/94

É o mesmo menino. Chama-se Cristóvão. A Carolina, uma jovem irlandesa, descobriu-o abandonado na cidade. Levou-o para o hospital e acompanhou-o até trazê-lo para nossa Casa.

Simple como a parábola do Bom Samaritano.

Padre Telmo

SETÚBAL

Trinta universitários

SER uma pequenina fresta por onde entre um pouco de luz de Deus é o que pretendemos ser, acolhendo os Pobres!

Atalhados com eles não nos resta tempo para organizar quase nada que possa atrair a esta vida, os que são o que nós já fomos: jovens!... Mas... estamos abertos!... E... quando alguém nos bate à porta para nos conhecer ela escancarasse sempre, depois de conhecermos as intenções e esclarecermos o que somos: uma Casa de família com dignidade e não uma Casa de assistência onde tenha lugar alguma sombra de miserabilismo.

Assim combinados, experimentaram a nossa vida trinta universitários de Lisboa.

Eles trazem agora a sua impressão

Foi nos finais de Abril. Eles trazem agora a sua impressão:

«Eu sou a Ana. Como é fácil perceber, não é nome de gaiato, mas de alguém que quis aprender como é ser gaiato. Por isso fui com mais trinta rapazes e raparigas, companheiros de estudo na Universidade Lusitana passar três dias à Casa do Gaiato de Setúbal.

Chegámos sábado de manhãzinha e logo à

entrada ficámos encantados com o ambiente alegre e acolhedor duma quinta, aparentemente adormecida.

A calma devia-se ao pequeno-almoço que mantinha sossegados e reunidos no refeitório os rapazes. Mal acabou, começámos a vê-los sair; surpresa nossa, surpresa deles. — Quem são vocês? De onde vêm? O que fazem aqui?

Não era fácil, de repente, explicar tudo isto; mais fácil era começar pelas apresentações: — Olá, eu sou a Ana e tu como é que te chamas? Pouco a pouco se ia começando a conhecer os gaiatos e eles a nós.

Depois veio o sr. Padre Acílio e uma primeira distribuição de tarefas: apanhar favas, descascar favas, ajudar na cozinha, ajudar na lavandaria, na vacaria; por todas elas nos distribuímos, tentando aprender a ser gaiato.

Fui descascar favas e no meio de tarefa tão monótona aproveitei para ir conversando com os «Bata-tinhas» que me rodeavam. E era tão simples! De repente estávamos afundados em perguntas, histórias, nomes de rapazes que com enorme alegria e simplicidade nos acolhiam.

Num instante chegou o almoço e a partir dele nos fomos habituando ao ritual das refeições. Mesas com chefe, chefe de refeitório, comida em grandes panelas, depois em grandes travessas, barulhinho... muito barulho; um garfo a bater

num copo e num segundo o silêncio: a ordem de novo. Era o pai que falava, distribuindo tarefas, aconselhando este ou aquele rapaz, ordenando o caos mais organizado que já conheci.

Rezávamos, e o alegre ruído de tantos rapazes em movimento voltava até estarmos todos na rua.

«Surpresa que nos esperava: a Festa!»

Nesses dias ultimava-se algo de muito importante: a Festa. Mal sabíamos a surpresa que nos esperava! O espectáculo era um assombro de alegria, ritmo e luz. É fantástico como conseguiram criá-lo e realizá-lo; pela qualidade que conseguiram alcançar, valeu com toda a certeza os esforços necessários para o construir. Foi para nós uma enorme sorte ter a nossa visita coincidido com a Festa, não só porque tivemos o privilégio de assistir à estreia, mas, acima de tudo, por podermos viver um momento de especial felicidade e orgulho para todos os rapazes.

«A lição mais importante»

A vida continuava e o trabalho não podia esperar; por isso quem se ocupava

da vacaria ou da cozinha tinha sempre com que se entreter. Foi assim que começámos a perceber que era o trabalho a explicação da força regeneradora daquela Casa. O trabalho que disciplina vidas e dignifica os rapazes. O trabalho do Pedro na vacaria, do Jorge na sapataria, do Ricardo na cozinha e de todos os rapazes de todas as casas — da casa-mãe à casa quatro — tem não só o imenso valor de fazer aquela espantosa quinta funcionar como também de os tornar Homens preparados e dignos, honrados e trabalhadores.

É esta a lição mais importante para nós; mas não foi a única: ensinaram-nos também o significado de viver com simplicidade, acolher com simpatia e partilhar com alegria. Tanta riqueza afinal fomos encontrar na «pobreza», tanta coisa tinha ela para nos ensinar!»

Seguir o Mestre!

Foi desta maneira que me prendi à missão devoradora de amar os Pobres: passando umas férias na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — Coimbra.

A umas férias, segui-ram-se outras... e às férias seguiu-se o trabalho e a vida!

Quem dera, caros rapazes e raparigas! Quem dera que estes dias sejam o prelúdio de umas férias e de uma vida para algum e alguma de vós!

Ganhar a vida com um curso superior nas mãos é algo de bonito, mas perdê-la com a sabedoria do coração é seguir o Mestre!

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Uma belíssima ilustração para que os discursos sobre a Família não fiquem a preto e branco

COMOVENTE. Foi assim a despedida do Adriano. Duas mãos cheias de ternura derramaram-no ao convento que lhe serviu de ninho durante mais de um ano. — O mulher, porque não fica com ele...?! — gritei, desconcertado, enquanto a freira ajeitava o véu que, «aquele» estreitar a si o menino, havia descomposto.

Eu tinha ido ao Norte por ele. Mais um menino abandonado. Uma belíssima ilustração para que os discursos sobre a Família não fiquem só a preto e branco...

Dois irmãos já cá estão há cerca de um mês, por força de decisão judicial. O lugar onde fora acolhido era um colégio-convento. Não se poderia esperar melhor no que concerne aos meios e fins a atingir. E para quem perdeu o espaço natural de uma família havia de encontrar aqui a expansão da alma e a compleição do coração.

De freiras, o dito. Emoldurado por mata frondosa; a frescura da natureza pródiga no dar; no cimo de um monte: tudo dito.

Aquela despedida roeu-me a alma. O coração, esse anda afeito. Pedi explicação e, sem mais delongas: que não. Ao fim-de-semana, o menino ia para a família, como estipulava a norma da Segurança Social e a conveniência da Regra; que por afazeres espirituais, pastorais e outros, ninguém podia tomar conta. Mais: a família, uma avó sobrecarregada pelo peso dos anos e pela doença que estes acarretam. Eu próprio acabara de sair da casa onde vivia: o que vira e ouvira de viva voz, sobre número, idades e sexos das pessoas que ali pernoitam — uma misturada — não dava para entender as vantagens «deste ir e vir», nem sei como se pode avaliar ao certo os resultados obtidos.

Eu não deixava de olhar para o perfil fino e acolhedor daquele convento... Ruminava com outros olhos, os do pequeno caído no chão...

«Severos» e desconcertados, outros, sobre os trinta e tal de idade daquela irmã da caridade.

Vim-me embora com o menino pela mão, num entardecer prolongado. Tantas questões. As normas, certas; tão certas que sem dar conta podem desventrar o coração. E que esperar de um coração vazio, senão que pare.

De quando em quando, um murmúrio surdo e mudo: — O mulher porque não fica com ele?!...

Finalmente atravessavam-me a alma os gestos de Jesus; tão livres e exigentes face às estruturas do seu tempo, mesmo às mais sacrossantas sempre que o homem estava em causa ou amesquinhado pela estreiteza de critérios.

Padre João

BENGUELA

Guerra selvagem

PROMETI dar-vos notícias mais alegres, mas não posso. Não é desânimo, isso não, mas é a desgraça que não pára de fazer vítimas e mais vítimas no seio do povo sem defesa de qualquer espécie. É a guerra que está cada vez mais selvagem. Os campos de refugiados voltaram a encher-se de gente que veio do interior. Dezenas de pequeninos chegaram porque os pais andam perdidos ou morreram. Os voos ditos humanitários estão suspensos, há várias semanas, por falta de segurança. Não posso imaginar como será possível sobreviver em Malanje, no Kuito, na Ganda e noutros lugares. São dezenas de pessoas que morrem mensalmente nos campos de refugiados, nesta zona. As crianças levam a dianteira; e as que sobrevivem terão um futuro muito limitado.

Continuamos a sonhar

Continuamos a sonhar, entretanto; com os pés bem poisados na terra. Se há muito para fazer, é possível fazer muito também — à medida das forças de cada um. Está aqui a atitude de braços cruzados da multidão por falta de quem as conduza. Não estou a falar de coisas fáceis. Mas o caminho certo para a sobrevivência que há-de levar à verdadeira ressurreição do povo, nestas circunstâncias, está na capacidade dos chefes e guias, a nível local, sobretudo. Há possibilidades de salvar a alma genuína deste povo, com a sua riqueza de valores humanos, desde que, a nível local, onde é possível trabalhar, os chefes e guias dêem tudo o que podem. É a partir da presença de mensageiros que fazem a experiência do que anunciam, que a salvação se torna visível e a esperança não morre. Ocorre-me a lembrança do que aconteceu com o povo de Deus, ao longo da sua história. O amor que salva e alimenta a esperança, nas horas mais dolorosas da sua caminhada, está presente, no seio do

povo, na pessoa dos profetas que assumem a sorte do mesmo povo.

A nossa serralharia

A nossa serralharia está ocupada com a feitura das camas para mais sessenta rapazes. Ofereceram-nos o dinheiro para elas. Houve um pequenino combate, seguido duma vitória que, para nós, é grande. Se nos dessem as camas feitas, o dinheiro chegaria para metade, apenas. Insistimos em que nos deixassem comprar o material que as camas seriam fabricadas na nossa oficina de serralharia pelos rapazes.

Assim veio a acontecer. Todos lucraram: doadores e contemplados. O dinheiro chegou para as sessenta camas, mais para as cadeiras e mais para as mesinhas de cabeceira. Os braços cruzados, à espera de que tudo venha do «céu», nada resolvem, em qualquer parte da terra e, muito menos, em Angola. Que tentação terrível!

Problema escolar

Tenho falado, com alguma insistência, no gravíssimo problema escolar das crianças e doutros níveis etários e de como estamos a enfrentá-lo, na parte que nos toca. O técnico de obras já cá esteve. Ficou combinado juntarmos os materiais, tanto quanto possível, para não termos que parar no princípio ou em qualquer outro momento. Começou, deste modo, o vai-vem diário a bater a todas as portas onde há sinais do dito.

A primeira porta foi a do cimento. A simpatia e grande interesse pela Casa do Gaiato valeu uma pequenina remessa. Ainda não sei por quantos milhões que hão-de nascer do trabalho da terra e das vossas mãos, assim o creio. É preciso ferro. Aqui o problema parece-me mais aflitivo. Não sei mesmo onde ir buscá-lo. Vou estudar... As vontades locais que nos têm acompanhado hão-de levar-me ao lugar certo. Os outros materiais são mais acessíveis, se não estou em erro.

Chegou, há dias, de visita a nossa Casa, um amigo que se tinha ausentado, há cerca de vinte anos. Enquanto viveu em Portugal, foi acompanhando, com interesse, tudo o que dizia respeito a esta pequenina parcela que marcou a sua vida. Era leitor assíduo d'O GAIATO. Veio gerir uma empresa local, do ramo da metalurgia. Quis pôr-se à disposição da Casa do Gaiato para o que estiver ao seu alcance. Chegou na hora exacta.

Milhares de famílias vivem em cubatas

Todos os dias deixo poisar os meus olhos no morro que faz de pano de fundo à nossa Aldeia. São alguns milhares de famílias que ali vivem, em suas cubatas. O bairro, visto de longe, enquadrado pela planura do nosso terreno, faz lembrar uma paisagem árabe. Não que eu estivesse, alguma vez, por aquelas bandas; mas foi-me dito por quem andou por lá. Aquele morro tem a sua beleza, é verdade. Mas, não sei porquê, quando olho para ele, a primeira coisa que me salta à vista é a miséria que lá se aninha. Há uns tempos atrás, transportava chapas de fibrocimento para cobrir as cubatas, mais ou menos novas, que se iam construindo para as famílias chegadas do interior, acoçadas pela guerra. Palmas e mais palmas, que esta gente é feliz com tão pouco! Mas a gratidão e o acolhimento não tem limites, quando o gesto vai direitinho ao coração. E, agora? Bem queria calcorrear o mesmo caminho, levando a mesma carga, que as necessidades de alojamento continuam a ser grandes. Mas quê? Uma casinha deles não chega para pagar uma chapa, sequer. Então, para quem trabalham estas empresas? A anarquia económico-financeira é de tal ordem que o povo não acredita no dinheiro, a não ser aquele que consegue entrar na barafunda, pela porta da «candonga» organizada. Por isso, não sei bem como fazer; pois, quem precisa já perdeu a coragem de bater à nossa porta por via das chapas. Tenho isto como um mau sinal. Hei-de, porém, teimar. Custa-me muito andar com obras, embora elas sejam para os filhos do povo, e não dar a mão aos que não têm tecto na cubata para se cobrirem.

Pensai comigo, também.

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

Acontecimentos significativos

COUBE-ME a dita de viver uma vida tão cheia de acontecimentos significativos e gratificantes que não entendo muito bem quando me falam da prosaica e monótona rotina do dia-a-dia. Razão mais do que suficiente para abrir as mãos e os braços e rezar serenamente o Pai Nosso...

Começamos pelo dia 26 de Junho: Baptismo e primeira Comunhão de alguns dos nossos. Aqui ficam os nomes. Foram baptizados o Daniel Fraga e o Tiago Neves. Fizêram a sua primeira Comunhão o Mirão, Fernandito, Arnaldo, «Vává», Carlos Castilho, «Lingrinhas II», João Neves, Filipe, Avelino, João Madeira, Emelson, Emanuel, Luís André. Colheita de um ano de trabalho dos Catequistas e da Graça de Deus. Feliz realização da Obra da Rua que tem em vista não só dar homens dignos à humanidade, mas também ajudá-los a escutar o chamamento amoroso de Deus que nos torna Seus filhos para vivermos em Igreja. Dia de festa. Muito obrigado aos Catequistas.

Com o início de Julho foi o reboiço próprio dos primeiros cinquenta que partiram para férias. Este ano com o aliciente: vamos para a casa nova, vamos para Sintra. Assim é. Estamos instalados na nova casa de férias, quase no coração de Sintra, com uma paisagem deslumbrante e um espaço suficientemente grande para muitas experiências de todos os que têm espírito de exploradores. Alguns, mais velhos e conhecedores dos hábitos da casa disseram logo: — *Aqui é que o Joãozinho, «Pãozinho» e Mota têm espaço de manobra para as suas caçadas.* É verdade, até há coelhos que à noite ou pelo fresco da manhã se atravessam no caminho.

Foi um longo caminhar até chegarmos aqui. Foi o tempo da decisão nem sempre unânime, com prós e contras. Foi o tempo da imaginação e do sonho em que os nossos limites de tudo prever se patentearam. Foi, finalmente, o tempo da realização. Quantos momentos de desânimo e de alegria, quantas contas a esticar o orçamento, quantos milagres presenciámos! Estamos já instalados. Quando olho, vejo quantas coisas faltam. Temos o essencial. Falta ainda muita humanização do espaço. Ano após ano, se Deus quiser, tudo se irá pôr no sítio.

Neste momento, um agradecimento muito especial a Deus que nos deu vida e saúde para isto. Um muito obrigado a todos os Amigos que nos ajudaram a concretizar este ano. Quando aí rezarmos a Eucaristia, para todos pediremos as bênçãos de Deus. Todos estão também convidados a passar por lá. Deixo a direcção, caso interesse: *Lar de Férias da Casa do Gaiato* (não há inscrição à porta) — *Quinta Monte dos Ciprestes — Estrada da Várzea — Cabriz — 2710 Sintra.*

Desde já gostaria também de deixar uma palavra às Igrejas locais que às vezes lutam com falta de espaços para encontros de reflexão, retiros, etc. A nossa Casa é da Igreja. Devem usá-la e estimá-la como coisa própria. Que os pobres que não podem pagar alugueres, aí encontrem também sítio para poderem rezar, reflectir e aprofundar a fé.

Um espinho

No meio destes acontecimentos de alegria, há outros que, dia-a-dia, são como um espinho cravado na nossa carne: os pedidos que surgem de todos os lados. Por detrás de cada um que me chega, sei que há uma criança a sofrer. Nunca imaginei que fosse tão difícil esta situação de ir ver a um lado e ao outro e depois dizer não por falta de espaço, devido à superocupação que já temos. Aqueles olhares, aqueles corpiços, às vezes toda a desgraça ambiente patenteada na desordem da barraca, nos olhos vazios de objectivos dos seus habitantes, na miséria de um viver que não tem nada de humano, no deserto afectivo, entram-nos pelo corpo dentro e atingem-nos a alma. Magoam. Fazem chorar de *revolta* pela incapacidade em que nos encontramos de não podermos dar a mão. Creio que haveria uma grande revolução em Portugal se todos os portugueses tivessem a possibilidade de sentir quanto custa dizer não a alguém que se nos dirige pedindo apoio. Mudaríamos a nossa vida e encontraríamos soluções.

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Pobres desta paróquia. Ontem, porém, um incêndio destruiu completamente a casa e o recheio de uma pobre família. Além disso, ardeu ainda um palheiro onde tinham palha, feno e animais que morreram também. Trata-se de um casal modesto, com alguns problemas de tipo social e psicológico, dois filhos ainda pequenos, e um deles um pouco deficiente. Estamos a tentar ajudá-lo dentro do possível.

Poderá também ajudar este caso? Desde já muito grato por tudo».

Que farias tu diante de mais este caso? Ficavas tranqüilo e de braços cruzados?

Eu, confiado na tua ajuda, puxei dum cheque, assinei e pus na caixa de correio.

Padre Horácio



Outra velha habitação, de viúva com três filhos menores. Era dos pais e nunca foi reparada. O telhado, muito velho, está a abagar e com muitas roturas. Paredes rachadas e desunidas. A caiação foi-se, há muito. Tectos e soalhos muito rotos. Animámos aquela mãe para que lançasse mãos à obra. Ficou mais sossegada do medo que a atormentava: que a casa desmoronasse.



Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752265 — FAX 753799 — Cont. 500788098 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239